



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

A AUSÊNCIA QUE SEREMOS: VIOLÊNCIA HISTÓRICA E HISTÓRIA FAMILIAR



A AUSÊNCIA QUE SEREMOS: HISTORICAL VIOLENCE AND FAMILY HISTORY

ESDRAS SOARES DA SILVA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 29/07/2020 • APROVADO EM 24/09/2020

Abstract

This paper analyses the work ***A ausência que seremos***, by the Colombian Héctor Abad Faciolince and published in Brazil in 2006. The book tells the story of the author's father, the public health physician Héctor Abad Gómez, activist social causes and human rights, killed by paramilitaries in the 80s. Our objective is to perceive the ways in which the events of the social and political life of the doctor have an impact on the domestic sphere; realize how historical violence is impregnated in family history; and how a single fact has two receptions: the one of the society and the one of the family. For that, in addition to the literary text, we will study the relation between biography, autobiography and fiction; and the connections between the public and the private in literature.

Resumo

Este artigo analisa a obra **A ausência que seremos**, do escritor colombiano Héctor Abad Faciolince, publicada no Brasil em 2011. O livro conta a história do pai do autor, o médico sanitário Héctor Abad Gómez, militante das causas sociais e dos direitos humanos, assassinado por paramilitares nos anos 80. Nosso objetivo é perceber de que maneira os acontecimentos da vida social e política do médico reverberam na esfera doméstica; notar como a violência histórica está impregnada na história familiar; e de que modo um único fato gera duas recepções: a da sociedade e a da família. Para tanto, além do texto literário, estudaremos a relação entre biografia, autobiografia e ficção; e a relação entre o público e o privado na literatura.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Héctor Abad Faciolince. Colombian literature. Latin America. Violence. Biography.

PALAVRAS-CHAVE: Héctor Abad Faciolince. Literatura colombiana. América Latina. Violência. Biografia.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

A Colômbia adentra o século XX com a continuação da Guerra dos Mil Dias, que durou de 1899 a 1902, opondo liberais e conservadores, por ocasião da substituição de uma constituição federalista, feita em 1863, por uma centralista, elaborada em 1886, tendo o saldo de 100 mil mortos, aproximadamente. O Partido Conservador estava no poder desde o final do século XIX, tendo perdido a presidência somente em 1930 para o Partido Liberal, que por sua vez governou até 1946. Em abril de 1948, o líder liberal Jorge Eliécer Gaitán é assassinado no centro de Bogotá, causando uma onda de protestos e repressões na capital do país. O acontecimento é conhecido como *Bogotazo* e desencadeou mais uma guerra entre liberais e conservadores. Esse período após a morte de Gaitán ficou conhecido como *La violencia*, durando aproximadamente até 1957. Esse foi um estágio extremamente conturbado e violento, repleto de assassinatos e perseguições, com milhares de mortos e migração forçada de parcela considerável da população. O conflito chega ao final somente quando os dois partidos formam a coligação Frente Nacional, apoiando apenas um candidato à presidência, alternando-se no poder.

Naturalmente, esse período tão significativo influenciaria no desenvolvimento do pensamento e das obras artísticas da época, sobretudo literárias. Com efeito, surgiram dezenas de romances que retratavam esse conflito. A crítica (FIGUEROA SÁNCHEZ, 2004) costuma classificar a romances desse período em dois tipos: o primeiro, como “Narrativa *na* Violência”, e o segundo como “Narrativa *da* Violência”. Em um primeiro momento, o da “Narrativa *na* Violência”, até o final dos anos 50, as obras publicadas se ocupavam de denunciar os massacres; era uma literatura, segundo Cabañas (2002, p. 7), “comprometida de sucesos históricos sobre la destrucción de comunidades colombianas por la dicotomía partidista liberal-conservadora”. Eram escritores sem formação literária, que se ocupavam de contar histórias de violência e horror, servindo como mediadores do conflito, ligando o território da guerra ao da não-guerra. Pertencem à primeira

etapa, obras como **Ciudad enloquecida** (1951), de Pablo Rueda Arciniegas; **El 9 de abril** (1951), de Pedro Gómez Correa; **Sangre** (1953), de Domingo Almova; **Las memorias del odio** (1953), de Rogerio Velásquez; **Viento seco** (1953), de Daniel Caicedo; **Los cuervos tienen hambre** (1954), de Carlos Esguerra Flórez; **Tierra sin Dios** (1954), de Julio Ortiz Márquez; **Raza de Caín** (1954), de Gustavo Zola y Ponce; **Los días de terror** (1955), de Ramón Manrique; entre outras.

É somente no final da década de 50, no período da “Narrativa da Violência”, que as obras entram em uma etapa mais crítica e são esteticamente mais aprimoradas, conforme nos aponta Escobar:

[...] a medida que la violencia adquiere una coloración distinta al azul y rojo de los bandos iniciales en pugna, los escritores van comprendiendo que el objetivo no son los muertos, sino los vivos, que no son las muchas formas de generar la muerte (tanatomanía), sino el pánico que consume a las víctimas. Lentamente, los escritores se despojan de los estereotipos, del anecdotismo, superan el maniqueísmo y tornan hacia una reflexión más crítica de los hechos, vislumbrando una nueva opción estética y, en consecuencia, una nueva manera de aprehender la realidad. (ESCOBAR, 1996, p. 23).

Essa “virada” na qualidade estética dessa literatura é marcada costumeiramente pela crítica com a publicação, em 1958, de **El coronel no tiene quien le escriba**, de Gabriel García Márquez. A partir desse momento, as obras que surgem abordam a problemática de maneira mais qualificada e rigorosa, com olhar crítico e consciência artística. Fazem parte desse ciclo, além da já citada acima, obras como **La mala hora** (1960), de Gabriel García Márquez; **Marea de ratas** (1960) e **Bajo Cauca** (1964), de Arturo Echeverri Mejía; **El día señalado** (1964), de Manuel Mejía Vallejo; e **La casa grande** (1962), de Alvaro Cepeda Samudio.

Já no início dos anos 80, os escritores começam a abandonar a narração do conflito partidário. Com a ascensão do narcotráfico e de uma temática urbana baseada na violência das regiões dominadas pela criminalidade, surge o que convencionou-se chamar de “narconarrativa”, caracterizada por retratar o cenário de marginalidade e da violência urbana. Obras como **El pelaíto que no duro nada** (1991), de Víctor Gaviria; **Morir com papá** (1997), de Óscar Collazos; **Rosário Tijeras** (1999), de Jorge Franco; e **La virgen de los sicários** (1994), de Fernando Vallejo, se inserem nessa nova corrente e também são conhecidas como novelas “sicarescas” ou “novela do sicariato”, e mostram a vida e a morte desses jovens assassinos e o contexto social que os levaram a adentrar no mundo do crime. Curiosamente, talvez pelo histórico semelhante de violência e narcotráfico, o mesmo movimento acontece na narrativa mexicana, basta verificar as obras literárias publicadas no país, na mesma época, como **Tiempo de alacranes** (2005), de Bernardo Fernández; **La esquina de los ojos rojos** (2006); e **Cada respiro que tomas** (1991), de Elmer Mendoza. Contudo, embora a experiência dos dois países seja semelhante nesse sentido, a violência na Colômbia carrega um sentido singular,

pois ela se dá não somente no plano da ação, mas também se torna uma prática discursiva:

[...] es necesario abordar el problema de la violencia, repetimos, no como objeto social, sociológico, político, antropológico, sino en tanto que práctica discursiva a partir de la cual se puede determinar los enunciados de poder, el régimen discursivo, sus relaciones con el saber, sus tácticas y sus estrategias (GERARDO MUÑOZ, p. 89-90).

É nesse contexto social e literário que surge **A ausência que seremos**, do escritor colombiano Héctor Abad Faciolince. O livro foi publicado em 2006, e em 2011 chega ao Brasil, editado pela Companhia das Letras. A obra conta a vida de Héctor Abad Gómez – pai do autor, que trataremos aqui como Dr. Abad –, assassinado por paramilitares colombianos em 1987. Na ocasião de sua morte, Dr. Abad carregava em seu bolso um poema atribuído ao escritor argentino Jorge Luis Borges, que em seus versos iniciais diz “Já somos a ausência que seremos” – daí o título do livro.

Dividido em 14 partes – cada uma anunciada com um título – e composto por 42 capítulos, a obra conta a história do médico sob o ponto de vista de Héctor, então Dr. Abad é mostrado na intimidade de sua casa, junto da sua família, repleto de qualidades, mas também de defeitos. Era um pai extremamente carinhoso e acolhedor, que respeitava os filhos em todas as decisões, mesmo as que considerava equivocadas. A morte de Dr. Abad é o tema central do livro, mas a narrativa não se restringe a isso; Héctor conta o trajeto da própria família, recuperando a história desde o seu bisavô. Dessa forma, a narrativa conta a história de violência da Colômbia, que está imbricada na configuração da sua própria família: o avô de Héctor foi perseguido pelos bandos conservadores, na família havia gente à esquerda e à direita e, não menos importante, eles viviam em Medellín, uma das regiões mais violentas do país, berço do sicariato e de grandes narcotraficantes.

Trata-se de uma típica família de classe média colombiana: são católicos, têm certo sucesso profissional, não são ricos, mas possuem carro, uma trabalhadora doméstica e um pequeno sítio onde passam os finais de semana, afastando-se da correria de Medellín. Dr. Abad era um tipo peculiar, que definia a si mesmo como “cristão em religião, [...] marxista em economia [...] e liberal em política (ABAD, 2011, p. 54-55). Era professor da Universidade de Antióquia e um dos fundadores da Escola de Saúde e desenvolvia seu trabalho no campo da medicina social e da saúde pública, tocando campanhas massivas de vacinação e criando programas de combate às péssimas condições de vida dos pobres de Medellín. Graças ao seu trabalho social, acaba despertando o ódio de alguns setores reacionários, sendo perseguido e se vendo obrigado a viajar para outros países para evitar embates mais violentos, em diversos momentos de sua vida. Para a extrema-direita, era um esquerdista perigoso, capaz de inflamar as massas; para alguns setores da extrema-esquerda, um burguês conservador, incapaz de colocar-se a favor de ações mais radicais. Dr. Abad tornou-se um grande líder social, convocando e liderando manifestações nos anos 80, em meio a todo o contexto de violência, fato que lhe

custou a vida: Dr. Abad é assassinado em uma tarde de agosto de 1987, quando se preparava para ir ao funeral de seu amigo e companheiro de militância, Luis Felipe Vélez.

Ao contar a história de seu pai o autor relata todo o período de violência política e social que assolou a Colômbia e que deixa suas marcas até os dias atuais. Ao relatar o drama familiar, o autor não fala de um só homem, mas de milhares de colombianos que pereceram naqueles anos, vítimas dos extremismos, do paramilitarismo e do próprio Estado. Assim, pensaremos esta obra literária no seu vínculo com o processo histórico, político e social; estudaremos de que maneira a matéria histórica – painel colombiano da segunda metade do século XX - é trabalhada na ficção, de que modo é abordada a relação entre o público e o privado e como esses aspectos são resgatados e trabalhados na obra. Nesse sentido, nos debruçaremos na análise da obra apoiados sob a ótica proposta neste artigo: perceber de que maneira um mesmo fato reverbera de maneira distinta em duas esferas: o público e o privado; a vida social e a doméstica. Notar como os acontecimentos da vida social e política de Héctor Abad Gómez reverberam no seio familiar e investigar se os acontecimentos e configurações familiares repercutem na vida pública.

No primeiro capítulo, faremos uma discussão acerca do caráter da obra, relacionando e opondo biografia, autobiografia e novela, uma vez que o livro parece conter traços de todos eles: há momentos que mais parecem biográficos, outros se assemelham mais a autobiográficos e, não raramente, há trechos em que as construções ficcionais são pulsantes. Assim, desenvolveremos essas reflexões apoiados nos trabalhos de Lejeune (2008) e Dosse (2009), que desenvolveram importantes estudos desses gêneros e das relações entre si. Em seguida, desenvolveremos a tese principal deste artigo: a relação entre o público e o privado. Todo acontecimento histórico e social que ocorre na vida de Dr. Abad influencia diretamente no bojo da família, com maior ou menor vibração. Como já anunciado, há na obra uma relação intrínseca entre esses dois aspectos. Para relacioná-los de maneira pertinente, utilizaremos como suporte os estudos de Arfuch (2010) e Rancière (1996). Por fim, analisaremos se o movimento contrário tratado no momento anterior também é possível, isto é, se os acontecimentos familiares influenciam na vida pública de Dr. Abad. Para isso, nos debruçaremos exclusivamente na narrativa, com especial atenção à parte do livro “A morte da Marta”, que sinalizaremos mais adiante como o divisor de águas da obra.

Esta introdução buscou delimitar e explicitar o caminho seguido no desenvolvimento deste breve estudo. Talvez, a maior contribuição deste trabalho seja o de explorar o colombiano Héctor Abad Faciolince, inserindo-o em um contexto mais amplo da literatura latino-americana contemporânea e contribuir com uma das muitas possíveis leituras das obras do escritor. Navegando ora entre o contexto político, histórico e social do autor, ora com os olhos fixos e atentos somente à obra, seguimos um percurso desafiador, mas prazeroso. Dessa forma, esperamos contribuir para os estudos literários relacionados à auto/biografia e seus cruzamentos com a ficção; com as relações entre literatura e história; com os estudos entre público e privado na literatura; e com a difusão da literatura colombiana contemporânea no Brasil.

2. BIOGRAFIA, AUTOBIOGRAFIA OU NOVELA?

As narrativas de introspecção revelam um “eu” que expõe e revela toda sua história de vida, angústias e anseios. Essas narrativas são compostas por diversos gêneros literários, como biografia, autobiografia, diário pessoal, diário ficcional, textos memoriais, romances autobiográficos e autoficção. Toda essa cartela de gêneros mais ou menos semelhantes torna complexo o trabalho de estabelecer esses limites. Quando se pensa na distinção entre autobiografia e biografia, o que ocorre a princípio – além de pressupor que os fatos contados são verdadeiros – é que no primeiro caso se trata de uma pessoa que conta a si mesma, fala da sua própria história de vida; e no segundo caso, conta-se a vida de outra pessoa.

Philippe Lejune, em seu conhecido texto *O pacto autobiográfico*, de 1975, tenta definir esse gênero e discute as relações entre biografia e autobiografia, e entre romance e autobiografia. Para o autor, a definição de autobiografia é a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14); diz ainda que é um texto literário e fundamentalmente escrito em prosa, e que o autor, o narrador e o personagem têm a mesma identidade, e estão ligados através de um pacto. A veracidade da narrativa é garantida pela assinatura do livro, pelo “nome na capa”; o que não acontece na biografia, na qual a identidade entre o narrador e o personagem principal não coincide.

Nas narrativas auto/biográficas, a reação do leitor é solicitada, ele é convocado a partilhar e acreditar nas histórias relatadas. Em meio a uma constelação de grandes personalidades, importantes para a história de algum lugar, a biografia olha com uma lente de aumento a individualidade de alguém, conforme nos ensina Dosse:

A arte do biógrafo é concebida, por Schwob, como a capacidade de diferenciar, individualizar até mesmo personagens que a história reuniu. Ele deve captar o detalhe ínfimo, minúsculo que tenta reproduzir da melhor maneira a singularidade de um corpo, de uma presença. (DOSSE, 2009, p. 57).

Assim parece ocorrer com Dr. Abad em vários trechos da obra: por trás do homem que na vida pública adotava um discurso antirracista extremo, estava o pai de família que no desenrolar da vida cotidiana não aceitava que suas filhas se relacionassem com uma pessoa mais “cargada de melanina” que eles, e que carregava um orgulho exacerbado dos olhos claros de seu pai e do fato de alguns dos seus filhos, sobrinhos e netos possuírem os cabelos loiros; seu machismo também é expressado em muitas ações, como preferir o único filho homem, em detrimento das outras filhas, ou quando faziam largas viagens e Dr. Abad e Héctor, os homens da casa, iam de avião, enquanto todas as mulheres viajavam de carro por estradas perigosas; sua hipocrisia e irresponsabilidade são reveladas quando estava na

fazenda da família e algum camponês enfermo procurava sua ajuda, e ele se recusava a atender, deixando a consulta à cargo de sua esposa, que não era médica. Essas contradições na vida privada e pública podem ser verificadas até mesmo nas próprias palavras de Héctor: “Mas a caridade do meu pai, que no plano coletivo e social era completa, no cotidiano e individual era mais teórica do que prática.” (ABAD, 2011, p. 132) ou que seu pai era um “liberal ideológico, mas conservador na velha concepção patriarcal do casamento” (ABAD, 2011, p. 80). Sem dúvida, são esses detalhes que moldam a vida do biografado em todas as dimensões, reconstruindo a sua história em todos os aspectos, em consonância com o que nos diz Dosse (2009, p. 56): “É mesmo a busca desses detalhes mais anedóticos, porém mais reveladores da personalidade do biografado, que constitui o fascínio e o sentido do gênero biográfico”.

Toda essa discussão abre caminho para uma importante reflexão: **A ausência que seremos** é uma autobiografia do próprio Héctor, o filho? Ou a biografia de seu pai, Dr. Abad? Ou, ainda, uma novela? Como já foi dito no início deste artigo, um dos aspectos que mais chamam a atenção é a incerteza em se afirmar o caráter desse livro. Essa discussão surge até mesmo nas palavras do próprio autor:

Como gênero, é muito difícil de definir, porque não é um romance, mas eu quis escrevê-lo com as técnicas do romance, isto é, uma narração, com diálogos, completa. Não é um livro de memórias, porque não são exatamente as minhas memórias, mas as de um menino, e de um adulto também que recorda o seu pai. Poderia ser uma biografia, porque é a história do meu pai, mas não é, porque é uma história muito íntima, precisamente porque é contada de um ponto de vista muito interior, muito familiar. (HÉCTOR, 2009, n.p.).

De fato, pode-se observar ao longo da obra a alternância em relação à predominância de um desses aspectos. A primeira parte da obra, “Um menino pela mão do pai” (cap. 1-6), é extremamente íntima, e nela é mostrado como Héctor, ainda criança, era dependente de seu pai, ao qual dedicava um amor “animal”: “Eu amava meu pai com um amor animal. Gostava do cheiro dele, e também da lembrança do cheiro dele na cama quando ia viajar [...]” (ABAD, 2011, p. 13). Não se trata de falar da vida de Dr. Abad, mas de esmiuçar e descortinar o íntimo de Héctor, de expor as experiências mais pessoais do filho.

Em seguida, na parte intitulada “Um médico contra a dor e o fanatismo” (cap. 7-12), a narração se centra nas atividades do pai no campo da saúde pública. São mostradas as experiências pessoais de Dr. Abad que o levam a percorrer esse caminho da medicina, como o fato de vários amigos e familiares terem morrido de tifo e de a primeira experiência cirúrgica ter resultado na morte de um paciente. Além disso, são apresentados os projetos de Dr. Abad, como as campanhas de vacinação, a organização de visitas com seus alunos às zonas mais pobre da cidade, e como todo esse trabalho o leva a ser mal visto na sua universidade e na sociedade como um todo, tendo sido atacado pela Igreja e pela mídia.

“Viagens ao Oriente” (cap. 17-19) se passa nos anos 60 e 70, quando Dr. Abad é obrigado a trabalhar fora da Colômbia, por ocasião da perseguição que sofria na

universidade por motivos ideológicos. Nessa época, Héctor passa as tardes na casa de sua avó, na qual havia um clima religioso extremo, ao ponto de reunir dezenas de pessoas, sobretudo mulheres, para a missa que era realizada ali. As pessoas que frequentavam a casa se assemelham a personagens de novela: uma mulher que havia sido tísica; uma senhora, ex-babá de sua avó e de sua mãe, que acometida por catarata acaba perdendo um olho, que cai literalmente no chão; Mono Jack, um homem que não tinha voz, pois havia perdido a laringe, por um câncer na garganta; Marielena, que havia tido três filhos de pais diferentes; Martina, mãe de Marielena, que dá seus netos para um casal canadense; e um grupo de senhoras que se reunia todos os dias para costurar acessórios para os padres. Esse caos só tem fim para Héctor quando chega aquele que iria salvá-lo, seu pai: “Acho que poucas vezes senti, nem devo voltar a sentir, uma paz e uma felicidade como aquelas, pois lá vinha meu salvador, meu verdadeiro Salvador” (ABAD, 2011, p. 125). Esta talvez seja a parte mais ficcional da obra e a que mais se assemelha a uma novela, pois o ambiente remete a algo da esfera do onírico, a casa é descrita com forte cheiro de incenso e repleta de estátuas e imagens de santos por todos os lados, e a própria narrativa, com a utilização de metáforas, torna-se mais literária: “E em meio a tantos objetos, devoções e imagens sagradas respirava-se um permanente cheiro de sacristia, de círio ardendo, de terror do pecado e de intrigas de convento” (ABAD, 2011, p. 116).

Com efeito, é tarefa quase impossível enquadrar a obra em uma dessas categorias e talvez o melhor seja não o fazer, sob o risco de diminuir a essência do livro, considerando que esse hibridismo é um dos aspectos mais relevantes da narrativa e que as fronteiras entre os gêneros estão borradas na obra. Nesse sentido, é valioso quando Gutierrez Mavesoy (2014, p. 74) nos relembra que na literatura colombiana do final do século XX começam a surgir uma série de novelas que incluem a voz do autor em seus universos narrativos: “No se trata simplemente del modo de narración en primera persona, sino de un entrecruzamiento entre autobiografía y novela”. Além disso, os próprios gêneros das narrativas pessoais carregam em seu bojo essas características heterogêneas: “A biografia é um gênero espúrio, fruto do casamento desnaturado da ficção com os fatos. Portanto, um gênero refratário, que não cessa de questionar” (HOLMES, 1995 apud DOSSE, 2009, p. 62).

Esse jogo de matizes torna a escrita desses gêneros um trabalho áspero, pois narrar o passado e o vivido é uma experiência singular, pois há um afastamento entre os fatos e o que é relatado. As lembranças são mediadas pela memória de muitos anos, que nunca é totalmente fiel. No caso da literatura, sobretudo a que utiliza recursos biográficos, isso adquire caráter exemplar:

Sin duda, para el autobiógrafo la vida está en otra parte, situada entre la transparencia y la opacidad, en equilibrio sobre la franja intangible que separa al individuo de su imagen, a la realidad de su representación. La escritura autobiográfica encuentra entonces otros obstáculos vinculados con su propia esencia; el apartamento y la distancia que el tempo instaura, necesariamente, entre el yo escrito y el yo que escribe. (MIRAUX, 2005, p. 92).

Certamente, há um distanciamento entre o Héctor que escreve e aquele que é personagem. O ato da escrita de memórias impõe um distanciamento entre o vivido pelo autor e o escrito por ele, sobretudo se esse texto se tratar de uma obra artística, pois entram em cena recursos próprios do fazer literário:

[...] não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a 'totalidade artística'. Essa postura assinala, em primeiro lugar, o 'estranhamento' do enunciador a respeito de sua 'própria' história. (ARFUCH, 2010, p. 55).

Contudo, esse resgate do passado individual é sempre ancorado no processo histórico, pois é no meio das relações com o mundo que o "eu" se constitui. Philippe Lejeune (2008) diz que a autobiografia pressupõe a veracidade dos fatos, quem tem uma biografia em mãos espera encontrar a verdade e o autor deve honrar esse acordo – a isso, Lejeune dá o nome de "pacto autobiográfico". É esse compromisso que leva o autor a contar sua vida dizendo somente a verdade, comportando-se como uma espécie de historiador ou jornalista, ao contrário de um romancista, por exemplo, que não tem essa obrigação. Trata-se de um gesto no mundo do real e, segundo o autor, a biografia e a autobiografia se opõem às formas ficcionais porque são textos *referenciais*, ou seja, fornecem informações que podem ser verificadas no mundo, que fazem parte da realidade exterior ao texto: "Seu objetivo não é a verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o 'efeito de real', mas a imagem do real" (LEJEUNE, 2008, p. 36). Semelhante coisa nos diz Dosse (2009, p. 59): "A biografia não depende apenas da arte: quer-se também estribada no verídico, nas fontes escritas, nos testemunhos orais. Preocupa-se com dizer a verdade sobre a personagem biografada".

3. DOMÍNIOS ENTRECruzADOS: O PÚBLICO E O PRIVADO

Ao construir textos biográficos, o autor insere o contexto histórico, político, social e econômico. A posição de Arfuch (2010) a respeito da relação entre indivíduo e sociedade, é que esses dois aspectos se cruzam sem interrupção, um invadindo o território do outro, e sinaliza a biografia como espaço intermediário entre o público e o privado. Segundo a autora, o "eu" é considerado fundamental às narrativas biográficas a partir da publicação de *Confissões*, de Rousseau, em 1782. As narrativas de introspecção (autobiografias, memórias, cartas, diários pessoais etc) propiciam um espaço individual de reflexão e estão intimamente ligadas à consolidação do capitalismo e do mundo burguês ocidental, situando-se no bojo da experiência moderna, do sujeito dividido entre subjetividade e objetividade, corpo e alma, público e privado:

Além de essencial para a afirmação do sujeito moderno, o surgimento do espaço biográfico o foi também, como assinalamos, para traçar o limiar incerto entre o público e o privado e, conseqüentemente, a nascente articulação entre o individual e o social (ARFUCH, 2010, p. 83).

Discutir a relação entre o público e o privado tem sido uma tarefa que ocupou inúmeros estudiosos – de filósofos a políticos, de economistas a psicólogos - desde a Antiguidade. O inesgotável debate pode ser considerado como uma das matrizes estruturadoras do pensamento ocidental. É necessário, portanto, esclarecer algumas definições. Sofia Aboim (2012) resgata o estudo de Jeff Weintraub, no qual este autor distingue quatro significações usuais. Cabe, neste artigo, ressaltar duas:

Uma segunda acepção clássica que encontramos em autores como Tocqueville, Arendt ou Habermas concebe um modelo de esfera pública como sociedade civil distinta tanto do Estado como do mercado, mas essencial para a criação de uma comunidade ativa de cidadãos capazes de sustentar uma sociedade democrática. Por oposição ao espaço da polis, onde se estabelece a igualdade entre cidadãos, o privado restringe-se ao universo doméstico - o 'oikos' - , entendido, desde Aristóteles, como espaço de relações naturais de desigualdade: entre escravo e senhor, homem e mulher, pai e filho. Uma terceira distinção, largamente teorizada por autores como Ariès, Shorter, Jacobs, Elias ou Sennett, emerge, por outro lado, da definição de público não apenas como político, mas como espaço de sociabilidade oposto à clausura do doméstico e da família. (ABOIM, 2012, 96-97).

Aqui, utilizamos esses termos, “público” e “privado”, em consonância com as denotações acima. Ou seja, entende-se o privado como o espaço doméstico, da família, do lar e que se opõe à sociedade e à política. Contudo, é importante salientar que essas definições não são estanques e isoladas em si mesmas, mas estão imbricadas e se complementam, conforme nos ensina Rancière (1996, p. 53): “O espaço doméstico é assim ao mesmo tempo o espaço privado, separado do espaço da cidadania, e o espaço compreendido na complementariedade das leis e dos costumes pelos quais se define a realização da cidadania”.

Como já anunciado no início deste artigo, o que se nota em **A ausência que seremos** são duas instâncias que se cruzam: de um lado temos a vida social de um homem, militante das causas sociais e dos direitos humanos, que faz da sua profissão um instrumento de transformação social e emancipação; de outro temos a vida privada de um pai, um homem carinhoso, querido por sua família e sobretudo por seu filho, mas que também possui seus defeitos, que são expostos sem censura pelo narrador. Dessa forma, todo acontecimento narrado na obra é permeado por essas duas esferas: a social/pública e a familiar/privada; tudo aponta para acontecimentos duplos. Na obra, vemos todos os conflitos que permearam o século XX colombiano: a polarização ideológica das primeiras décadas do século, *La*

violência, o surgimento das guerrilhas, o narcotráfico e o paramilitarismo. E toda história da família está nesses acontecimentos: Antônio, avô de Héctor, teve que fugir para outro lugar para não ser morto pelos *chulavitas*¹, e seu pai, Dr. Abad, é assassinado pelos paramilitares – vítima da mesma estrutura que denunciava.

Rancière (1996, p. 43) diz que “Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos” e é o que parece acontecer na obra. Héctor, além de usar a matéria histórica para a elaboração de sua ficção, também trabalha os aspectos de sua vida: os conflitos religiosos e políticos que se davam no seio da família, as muitas mulheres que o rodearam durante toda sua infância e adolescência (mãe, irmãs, tias, avós e as que frequentavam a missa na casa de sua avó) e sua vida escolar. Sua família é exemplar para o trabalho da representação da sociedade, pois é uma típica família de classe média da época. Possuem uma fazenda para os finais de semana, carros, empregados, uma boa casa, estabilidade financeira, podem fazer viagens, tiveram acesso a uma boa educação e, além disso, relacionam-se com pessoas do alto escalão do governo e de outras importantes instituições. Todos esses aspectos configuracionais são resgatados e transformados em experiências literárias.

É interessante notar que até “A morte da Marta” (cap. 26-29), que sinalizaremos no momento seguinte deste artigo como o divisor de águas, as partes temáticas são revezadas no que diz respeito ao enfoque, alternam-se entre a esfera privada e a pública. No início da obra, em “Um menino pela mão do pai” (cap. 1-6), são mostrados quase que exclusivamente a vida doméstica da família de Héctor, e o amor dele por seu pai, que o respeitava em todas suas decisões. Em “Um médico contra a dor e o fanatismo” (cap. 7-12) introduz-se a militância do pai no campo da saúde pública; Dr. Abad leva seu filho e seus alunos a comunidades pobres e insalubres, nas quais desenvolve campanhas de vacinação e luta por obras de saneamento básico. Em “Guerras religiosas e antídoto ilustrado” (cap. 13-16), a terceira parte da obra, é apresentada a tensão religiosa e política que havia na família de Héctor: havia católicos mais e menos fervorosos, e conservadores e liberais. A quarta parte, “Viagens ao Oriente” (cap. 17-19), se passa nos anos 60 e 70, quando Dr. Abad é praticamente obrigado – em virtude da perseguição que sofria na universidade pelos conservadores – a trabalhar temporariamente fora do país, em lugares como Estados Unidos, Indonésia, Filipinas e Malásia; nesse meio tempo, Héctor passa as tardes na casa da avó, convivendo com personagens caricatos. “Anos felizes” (cap. 20-25), a quinta parte, retrata mais uma vez o clima harmonioso da casa e o quanto seus pais se complementavam.

É relativamente fácil reconhecer nas partes citadas acima a predominância do público ou do privado e a maneira que essas esferas se relacionam. Nesse sentido, a parte mais significativa é “Anos felizes” (cap. 20-25): Héctor diz que seus pais eram completamente opostos, nas crenças e no comportamento, mas que se complementavam na vida: “A contradição, porém, não parecia afastá-los, e sim atraí-los mutuamente, talvez porque, antes de mais nada, compartilhavam um núcleo de ética humana no qual se identificavam” (ABAD, 2011, p. 129). Cecilia, a esposa de Dr. Abad, é reconhecida como altruísta, porque trabalhava incessantemente em seu

¹ Grupo paramilitar de origem conservadora e de extrema-direita, que buscava perseguir e assassinar as pessoas de filiação liberal e comunista.

negócio, para que o marido pudesse seguir com a militância: “[...] para que pudesse conservar sua independência mental na universidade, para que não pudessem calar sua voz com a ameaça e a pressão da fome, como é tão comum aqui” (ABAD, 2011, p. 130).

Novamente, vemos os domínios investigados neste artigo expostos aqui: Cecilia se sacrifica em suas relações familiares para que Dr. Abad possa dedicar-se à sua luta. Com efeito, é nesse momento da obra em que o médico sanitarista obtém diversas conquistas: funda e dirige a Escola Nacional de Saúde Pública, ajuda a criar o Instituto Familiar de Bem-estar Social, ocupa cargos públicos, promove campanhas massivas de saúde e seu trabalho obtém êxito e reconhecimento. Também é nesta parte que são apresentados os efeitos do lar em Dr. Abad, um espaço capaz de promover mudanças radicais em pouco tempo:

Quando chegava de bom humor – o que acontecia quase sempre, pois era uma pessoa quase sempre feliz –, já no instante em que ele entrava se ouviam suas maravilhosas, estrondosas gargalhadas, como badaladas de riso e alegria. [...] Quando, ao contrário, chegava de mau humor, entrava em silêncio e se esgueirava até a biblioteca, punha música clássica no último volume e se sentava a ler em sua poltrona reclinável, com a porta trancada à chave (ABAD, 2011, p. 140).

O homem que chegava completamente mal-humorado encontrava aconchego em seus livros, discos e família, o que o fazia retornar à normalidade, ao homem tranquilo que era.

Rancière (1996, p. 54) diz que “A política não é feita de relações de poder, é feita de relações de mundos” e, sem dúvida, há na obra diversas dicotomias. Além dos aspectos formais da obra (biografia / autobiografia; “primeira metade” / “segunda metade”; trechos mais documentais / trechos mais líricos); e da dicotomia público / privado, estudada aqui, há questões acerca do homem / mulher; esquerda / direita; liberais / conservadores; e teístas / ateístas. Por se tratar de uma família grande e complexa, muitos desses aspectos se cruzam, sendo os temas da religião e da política os mais significativos. O catolicismo, que na Colômbia conta com o maior número de adeptos, está no seio da família de forma extrema e intrínseca. Em “Guerras religiosas e antídoto ilustrado” (cap. 13-16) são mostrados os conflitos decorrentes da polarização religiosa e política na família: “Essa guerra surda entre novas e velhas convicções, essa luta entre o humanismo e a divindade, vinha de longe, tanto na família da minha mãe como na do meu pai” (ABAD, 2011, p. 78).

Como anunciado, os contrários vêm desde muito tempo. Do lado materno, há o bisavô de Héctor que viveu no século XIX, havia sido professor e presidente do Partido Conservador. De quatro irmãos de sua avó, dois haviam sido sacerdotes, um havia sido ministro e o outro, cônsul em Havana, quando o Partido Conservador estava no auge do seu poder. A avó, contrariando as tradições da sua família, casa-se com Alberto Faciolince, homem de filiação liberal, que acaba morrendo em um acidente quatro anos depois; seu irmão, Wenceslao Faciolince, casa-se com a viúva, e depois de muitos anos também morre, quando a mãe de Héctor por engano lhe

aplica uma injeção contraindicada para quem sofre de problemas cardíacos. Finalmente, a mãe de Héctor se casa com Dr. Abad, considerado um liberal radical, despertando a reprovação de sua família. Três primos de sua mãe também se tornaram padres, mas dois deles, contrariando os costumes de sua família, alinharam-se à extrema esquerda, em consonância com a Teologia da Libertação; contudo, o outro primo era conhecido como o bispo mais reacionário da Colômbia. A família paterna também tinha origem conservadora, mas seu avô decide filiar-se ao outro lado, o liberal, e no período da *La Violencia* é ameaçado por grupos paramilitares conservadores e então se muda com sua família para a região do Cauca, onde muitos anos depois voltam a ser perseguidos por grupos extremistas e decidem ir à Medellín. E embora Dr. Abad tenha se tornado um liberal mais radical, um de seus irmãos é ordenado padre da Opus Dei.

Todas essas tensões religiosas e políticas, além de comporem a história familiar, também se manifestam no interior da casa de Héctor. Seus pais eram opostos em diversos aspectos: o pai era agnóstico e a mãe tinha tendências ao misticismo; ele não se importava com o dinheiro, e ela odiava a pobreza. E o que acontecia na Igreja também tinha lugar em sua casa: “Por esses dias percebi que também dentro da Igreja estava sendo travada uma guerra surda e que, se em minha casa e minha cabeça havia muitos partidos em luta, fora delas as coisas não eram muito diferentes” (ABAD, 2011, p. 81). Se por um lado, havia procissões pela casa durante o dia, por outro, quando Dr. Abad chegava de seus compromissos injetava em seu filho leituras e discussões. É claro que o vencedor dessa disputa velada pela consciência de Héctor tinha um vencedor: seu pai, que desconstruía os dogmas e paradigmas da religião, utilizando a ciência, a filosofia e a história.

Essas dualidades são manifestadas até mesmo na configuração psicológica de Dr. Abad, como era natural e esperado. Mesmo depois de uma aposentadoria forçada, Dr. Abad não cessa seu engajamento social, trabalhava na terra, em seu jardim, mas não desistia do sonho de reformar a medicina: “Adorava ser jardineiro, porque lhe dava a impressão de voltar às origens rurais da família. Mas, ao mesmo tempo que desfrutava desse apego ao campo e à terra, continuava com seus sonhos de reforma da medicina” (ABAD, 2011, p. 235). Depois de muitos anos de trabalho, já aposentado, dedica quase todo o seu tempo à militância social, isso quando não estava “mimando os netos ou cultivando rosas e amigos” (ABAD, 2011, p. 234).

Até o momento temos estudado os efeitos da vida social de Dr. Abad no seio da família. Contudo, uma pergunta nos parece fundamental: seria o caminho inverso possível na obra? Ou seja, os acontecimentos que ocorrem no âmbito doméstico interferem na vida pública do médico? O anúncio feito por Héctor, no parágrafo que encerra o capítulo 26, de “A morte da Marta”, parece conter algumas pistas: “E agora devo contar a morte da Marta, porque ela partiu a história de minha casa ao meio” (ABAD, 2011, p. 170). A morte de Marta, além de partir a história da família, como anuncia o narrador, também representa um marco na obra, divide o livro ao meio: na primeira metade, há um lar com uma vida tranquila, repleta de felicidade, e é quando Héctor volta da Ásia e decide nunca mais se afastar de sua família; inclusive a última parte dessa metade se chama “Anos felizes”. Porém, tudo muda repentinamente com a morte de Marta:

Até que, depois desse parêntese de felicidade quase perfeita que durou alguns anos, o céu invejoso se lembrou de nossa família, e aquele Deus furibundo no qual meus antepassados acreditavam descarregou o raio de sua ira sobre nós, que, talvez sem perceber, éramos uma família feliz, e até muito feliz (ABAD, 2011, p. 165).

Na primeira metade da obra, há um homem que luta e milita pelas causas sociais e pelos direitos humanos, entregando sua vida à emancipação das pessoas, mas que se expõe com cautela, dada as circunstâncias do contexto de violência política dos anos 70 e 80. Porém, tudo muda após a morte de Marta, Dr. Abad – antes prudente em suas declarações e manifestações – parece não se importar mais tanto com a morte:

Tenho certeza de que meu pai não sofreu a tentação do martírio antes da morte da Marta, as depois dessa tragédia familiar qualquer inconveniente parecia menor, e qualquer preço já não parecia tão alto como antes (ABAD, 2011, p. 205).

O risco que corria é descrito como “martírio”, como se Dr. Abad fosse uma espécie de messias que deveria dar a sua vida pelos outros. Carregava uma tristeza tão grande consigo que morrer por uma causa justa tornava-se, de certa forma, atrativo. A questão feita acima está respondida pelo próprio Héctor: “Penso que há episódios de nossa vida privada determinantes para as decisões que tomamos em nossa vida pública” (ABAD, 2011, p. 206). Não é por acaso que este trecho está localizado na parte “Anos de luta”, que descreve como Dr. Abad, após a morte de Marta, entregou-se totalmente à defesa dos direitos humanos. Imbuído desse espírito de mártir e pelo amor excessivo pelos filhos, o médico se envolve em grandes batalhas, movido por uma grande compaixão por aqueles mais indefesos. É após a morte de Marta que Dr. Abad assume a presidência da Asociación de Profesores de la Universidad de Antioquia e lidera uma grande greve contra a reitoria da Universidade. É nesse momento também que adentram no quadro de docentes uma série de professores de extrema-esquerda, ocasionando certos conflitos com Dr. Abad e alguns companheiros, porque passaram a ser vistos como burgueses e conservadores, por se oporem ao extermínio físico de inimigos políticos.

Embora o destino inescapável de Dr. Abad seja anunciado não somente no início da obra, mas até mesmo na capa do livro, invocado pelo verso de Borges, é nessa segunda metade, após a morte de Marta, quando a fatídica morte se aproxima, que a voz narrativa se torna rarefeita. As partes são mais curtas e seus títulos são amargos: “Dois enterros”, “Chega-se a morte” e “O exílio dos amigos” são alguns dos exemplos; a narrativa adquire um tom triste e desolado, todo o narrado parece estar no limite do fôlego. No que diz respeito à estrutura geral do livro, a tese de que a morte de Marta representa uma divisão da obra se sustenta. Das 317 páginas do livro, 162 se dão antes do fato, restando 155 para a segunda metade, isto é, há uma divisão bem estabelecida. Contudo, se a divisão de páginas é equilibrada, o mesmo

não ocorre em relação às partes temáticas da obra: das 14 que existem, nove estão na segunda metade. Contudo, de um total de 42 capítulos da obra, 25 estão antes do fato, e apenas 17 estão depois. O fato de na segunda parte da obra haver mais partes temáticas e menos capítulos indica uma pluralidade de assuntos que necessitam ser abordados, mas não há nem pode haver concentração e ordem mental suficiente. É como o abrir de uma tampa, que traz à superfície uma série de memórias que necessitam ser contadas, mas que se misturam. Há episódios desde a adolescência de Héctor até fatos sobre o pós-morte de Dr. Abad, antes mesmo dela acontecer na obra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para potencializar o significado poético da morte de Dr. Abad, o autor recupera a poesia lírica clássica castelhana, sobretudo na figura do autor Jorge Manrique, autor de *Coplas a la muerte de su padre*. O poema fala de Don Rodrigo Manrique, que teve uma morte tranquila, rodeada por sua família. Quando a personificação da Morte vai ao seu encontro, não se trata de uma caçada, a Morte não golpeia sua cabeça com a gadanha, ceifando sua vida. Foi, antes de tudo, um encontro amigável e tranquilo; há um caminho natural da vida, então basta se resignar ao inevitável destino. Ao contrário da morte de Dr. Abad, que é assassinado na rua, longe de casa e dos seus. Não há consolo, somente um sentimento de injustiça e impotência avassaladores.

A relação pai-filho é convocada em toda a obra, não só entre Héctor e Dr. Abad, mas por meio de diversos pais. Além das *Coplas* mencionadas no parágrafo anterior, há Deus, que é mostrado como um pai cruel, ciumento e invejoso, que não suporta ver a felicidade dos seus filhos, tratando sempre de eliminar algo quando percebe algum traço de alegria. Há Borges, esse “pai literário” constantemente perseguido pelos escritores latino-americanos, que ironicamente é o escritor que anuncia uma morte assim que lemos o título do livro. A iminente morte é anunciada não só desde o início da obra, mas até mesmo no título dela, mas só é concretizada nas últimas páginas, em uma espécie de ápice, que nos remete ao poema de Borges, de forma terrível e poética, que estava no bolso esquerdo da camisa, junto ao peito de Dr. Abad quando foi encontrado por Héctor, já sem vida, no chão da rua, lugar onde sempre desenvolveu seu trabalho no campo da medicina social.

Logo após a publicação de **A ausência que seremos**, Héctor Abad lança, em 2009, o livro **Traiciones de la memoria**, ainda sem edição brasileira. A obra tem como ponto de partida a ocasião do bilhete encontrado no bolso do seu pai com o poema de Borges, e a partir daí, Héctor empreende uma longa e minuciosa pesquisa para saber os motivos de o pai levar o soneto consigo e, sobretudo, para descobrir se esse poema e alguns outros são realmente de Borges, já que não estavam publicados em nenhum livro e ninguém sabia afirmar com segurança a sua autoria. Para isso, percorre uma série de rastros e os expõem no livro; são documentos como fotos, artigos de jornais e revistas, e-mails trocados com outros escritores e estudiosos. O título da obra é muito apropriado, pois nessa procura há a busca de

fontes fidedignas e reflexões sobre a memória, ressaltando as divergências dela com os relatos tidos como verdadeiros; “traições” que podem afetar a própria realidade. Nesse sentido, o ato da escrita seria uma ferramenta de recuperação da memória, de maneira semelhante ao livro **A ausência que seremos**.

Em **A ausência que seremos**, a escrita é entendida não como superação da morte, mas como desabafo, denúncia, registro. Segundo o próprio autor, escrevê-la era necessário como quem busca sobreviver. A voz embargada era carregada já há muitos anos e falar sobre a morte de seu pai significava recomeçar:

Este livro é a tentativa de deixar um testemunho dessa dor, um testemunho ao mesmo tempo inútil e necessário. Inútil, porque o tempo não volta atrás, nem os fatos se modificam; mas necessário, pelo menos para mim, porque minha vida e meu ofício perderiam o sentido se eu não escrevesse o que sinto que devo escrever, e que, em quase vinte anos de tentativas, não fui capaz de escrever, até agora (ABAD, 2011, p. 270).

De fato, essa incapacidade mencionada – embora tenha sido superada, pois o livro foi escrito e publicado – é evidente na obra, como se a própria escrita estivesse em risco. Há episódios, sobretudo após a morte de Dr. Abad, em que o tom é melancólico e desolado, em que a narrativa é rarefeita e aguada. Quando fala sobre o encontro com seu pai morto no chão, as lembranças são confusas, incompletas e fragmentárias, como *flashes*:

Corremos, e lá está ele, de barriga para cima, numa poça de sangue, embaixo de um lençol que vai sendo tomado por uma mancha vermelha, escura, espessa. Sei que pego na mão dele e que lhe dou um beijo no rosto e que esse rosto ainda está quente. Sei que grito e insulto, e que minha mãe se atira aos pés dele e o abraça. (ABAD, 2011, p. 283).

A memória está atravessada pelo trauma, que penetra violentamente e rasga tudo ao seu redor – o que resta são fragmentos e escrevê-los torna-se essencial como mecanismo de conservação. Dosse (2009, p. 58) também faz essa reflexão sobre escrita e morte: “Sendo a escrita, por si mesma, o olhar da morte sobre o eu e os outros, o escritor revela em seu texto não tanto a busca da imortalidade quanto a imanência da relação com a morte”.

Dr. Abad não era religioso, mas escolheu a “opção preferencial pelos mais pobres e excluídos” e talvez por isso era conhecido em Medellín como “O apóstolo dos direitos humanos”. Além de pai, era um grande defensor da saúde pública, do saneamento básico, da gente mais simples. Quando é morto, para a família quem se vai é um pai, um marido, mas para a sociedade colombiana uma grande pessoa pública que fez muito para o desenvolvimento social do país. Héctor diz que só se deu conta da importância do pai para a Colômbia depois de sua morte; é somente aí

que percebe quem ele era e o quão respeitado o médico era fora dos muros que separavam o lar das ruas.

Referências

ABAD, Héctor. **A ausência que seremos**. Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Traiciones de la memoria**. Bogotá: Alfaguara, 2009.

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 1. Florianópolis: 2012, p. 95-117.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CABAÑAS, Miguel. El sicario en su alegoría: la ficcionalización de la violencia en la novela colombiana de finales del S. XX. **Taller de letras**, nº 31. Santiago: 2002, p. 7-20.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo, Edusp, 2009.

ESCOBAR, Augusto. La violencia: ¿generadora de una tradición literaria? **Revista Gaceta de Colcultura**, nº 37. Bogotá: 1996, p. 21-29.

FIGUEROA SÁNCHEZ, Cristo Rafael. Gramática-violencia: una relación significativa para la narrativa colombiana de segunda mitad del siglo XX. In: **Revista Tabula Rasa**, nº 2. Bogotá: 2004, p. 93-110.

GALLE, Helmut; Olmos, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (orgs.) **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009.

GUTIERREZ MAVESÓY, Aleyda Nuby. **Escritura y novela en Colombia, 1990-2005**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUSA – Agência de notícias de Portugal S. A. Héctor Abad Faciolince conta história da família e do pai assassinado. Lisboa: 25 de fev. de 2009. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/hector-abad-faciolince-conta-historia-da-familia-e-do-pai-assassinado_n204906. Acesso em: 20 jul. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RODRÍGUEZ, Jaime Alejandro. Pájaros, bandoleros y sicarios para una historia de la violencia en la narrativa colombiana. **Universitas Humanística**, nº 47. Bogotá: 1999.

Para citar este artigo

SILVA, E. S. da. A ausência que seremos: violência histórica e história familiar. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 9, n. 4, 2020, p. 717-734.

O Autor

ESDRAS SOARES DA SILVA é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Letras - Português e Espanhol.